A península ibérica medieval no Programa de Estudos Medievais de UFRJ

La péninsule ibérique médiévale dans le *Programa de Estudos Medievais* de l'UFRJ

Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva[1]
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo

A partir de uma discussão sobre os avanços dos estudos sobre a história medieval no Brasil nos últimos 20 anos, apresento uma análise das ações institucionais empreendidas pelo Programa de Estudos Medievais (Pem) da UFRJ desde 1998. Desejo destacar, sobretudo, o papel que as pesquisas sobre a península ibérica medieval ocupam neste núcleo acadêmico, bem como a singularidade de tais reflexões historiográficas.

Palavras-chave: Historiografia – Medievalismo - Península Ibérica

Résumé

A partir d'une discussion sur l'etat des études au sujet de l'histoire médiévale au Brésil dans les 20 dernières années, je présente ici une analyse des actions institutionnelles entreprises par le Programa de Estudos Medievais (Pem) de l'UFRJ depuis 1998. Je souhaite mettre en avant, surtout, la place des recherches sur la péninsule ibérique médiévale dans ce centre académique, aussi bien que la singularité de telles réflexions historiographiques.

Mots-clés: Historiographie - Médiévalisme - Péninsule Ibérique.

● **Enviado em: 26/07/2011**
● **Aprovado em: 29/11/2011**

[1] Mestre em História Antiga e Medieval (UFRJ) e Doutora em História Social (UFRJ). Professora do Departamento de História da UFRJ. Co-coordenadora do Programa de Estudos Medievais da UFRJ. Pesquisadora do CNPq.

Partindo de uma discussão sobre os avanços do medievalismo brasileiro nas últimas duas décadas, apresento uma análise das ações institucionais empreendidas pelo Programa de Estudos Medievais (Pem) da UFRJ. A meta é destacar o papel que as pesquisas sobre a península ibérica medieval ocupam neste núcleo acadêmico, bem como a singularidade de tais reflexões historiográficas. Neste sentido, o trabalho está dividido em quatro partes. Na primeira, proponho uma interpretação para o crescimento dos estudos de história medieval no Brasil. Na segunda, faço um breve histórico do Pem e das estratégias de trabalho desenvolvidas desde 1998. Na terceira, trato da forma particular como este grupo de pesquisa tem abordado o medievo ibérico. Na última apresento, partir de minha experiência de trabalho no Pem, o que considero como os principais desafios para a pesquisa em história medieval no Brasil na atualidade.

A expansão dos estudos de história medieval no Brasil (1990-2010)

A partir da década de 90, os estudos medievais no Brasil experimentaram uma série de transformações, que resultou na expansão numérica e geográfica de núcleos de pesquisa dirigidos por especialista com formação específica na área; no crescimento da produção bibliográfica marcada pelo rigor metodológico, e no reconhecimento da qualidade da produção medievalística nacional pela comunidade historiográfica brasileira e estrangeira.

Ainda que introduzida como disciplina acadêmica no Brasil desde meados do século, até o fim da década de 1980 eram poucos os doutores especializados em Idade Média atuando nas instituições de ensino superior no Brasil; eram raros os títulos sobre o medievo publicados por editoras brasileiras; não circulavam periódicos nacionais especializados exclusivamente no medievalismo; as bibliotecas universitárias praticamente não possuíam em seus acervos materiais com temáticas de história medieval; não existia uma associação acadêmica que agregasse, em nível nacional, os interessados no ensino e na pesquisa da Idade Média; os núcleos de medievalistas locais e/ou regionais eram praticamente inexistentes, e como a *Internet* ainda não se popularizara no Brasil, o diálogo entre os especialistas brasileiros e destes com os estrangeiros só era possível mediante as tradicionais cartas ou quando, eventualmente, eram feitas viagens de pesquisa ou intercâmbios acadêmicos.[2]

[2] Sobre os estudos medievais no Brasil desenvolvidos até o início da década de 90 ver, dentre outros, GUERRAS MARTIN, M. S. "A situação da pesquisa de História Geral no Brasil: História Medieval". In: WESTPHALEN, C. M. (Org.). Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica, 11, São Paulo, 1991. *Anais...* Porto Alegre, Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica, 1992. pp. 13-18; PEDRERO-SÁNCHEZ, M. G. In: "Los estudios medievales en Brasil". In: *Medievalismo*, Madrid, 1994, v. 4, n. 4, pp. 223-228; MELLO, J. R. de A. "O pesquisador em História Medieval e o público brasileiro". In: RIBEIRO, M. E. de B. (Org.). Semana de Estudos Medievais, 2, Brasília, Outubro de 1994. *Anais...* Brasília: UNB, 1994. pp. 43-46; FRANCO JR., H., BASTOS, M. J. da M. "L´histoire du Moyen Âge au Brésil". *Bulletin du Centre d ´études*

Por que este quadro sofreu mudanças a partir do início dos anos 90? Em um trabalho apresentado em 1991, na XI Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica, Maria Sonsoles Guerras, então professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, apontava dois fatores que, naquela conjuntura, estimularam o incremento do medievalismo nacional: os principais órgãos de fomento, CNPq e CAPES, começavam a conceder Bolsas e Auxílios para os interessados em investigar sobre a Idade Média e diversas revistas acadêmicas passaram a abrir espaço para a publicação de artigos sobre o medievo.[3]

Os fatores apresentados por Sonsoles Guerras, uma das principais promotoras dos estudos medievais no Brasil na década de 1980 e no início dos anos 1990, fornecem uma primeira pista para a compreensão do incremento do medievalismo brasileiro a partir da década de 1990. Os fatores apontados, porém, mais do que atuarem juntos, articulam-se numa perspectiva de causalidade, como será discutido posteriormente.

Neste sentido, o impulso inicial para a expansão dos estudos de história medieval no Brasil deu-se com a criação, em fins da década de 1980, de um programa elaborado pela CAPES, que visava desenvolver as áreas do conhecimento então consideradas carentes de pessoal qualificado. Dentre tais áreas encontrava-se a história medieval.[4] Este programa durou cerca de 5 anos e beneficiou por meio de "bolsas sanduíche" diversos jovens, que, posteriormente, vieram a doutorar-se e hoje atuam como professores-pesquisadores em diversas universidades brasileiras.[5] Também foram favorecidos, com bolsas de pós-doutorado, os poucos professores doutores que já atuavam no campo dos estudos medievais.

Nos anos seguintes, ainda que de forma descontinuada e sem destinar-se exclusivamente ou prioritariamente a desenvolver os estudos medievais no Brasil, diversas iniciativas do poder público favoreceram o incremento do medievalismo. Destaco, dentre estas, o financiamento de cursos de mestrado e doutorado, realizados no Brasil ou no exterior, através de bolsas de curta ou longa duração; abertura de concursos para docentes em instituições públicas de ensino superior localizadas em diversas cidades do país; o desenvolvimento do Programa de Iniciação Científica

---

médiévales, Auxerre, 2002-2003, n. 7, pp. 125-131; SILVA, M. C. da. "Les études en Histoire médiévale au Brésil: bilan et perspectives". Disponível em http://ciham.ish-lyon.cnrs.fr/Brazil.html; RUST, L. D., BASTOS, M. J. da M. "*Translatio Studii*. A História medieval no Brasil". In. *Signum*, São Paulo, 2008, n. 10, pp. 163-188, e ASFORA, W. C., AUBERT, E. H., CASTANHO, G. de C. G. "Faire l'histoire du Moyen Âge au Brésil: fondements, structures, développements" In: *Bulletin du centre d'études médiévales d'Auxerre*, Auxerre, 2008, n. 12, pp. 1-14. Disponível em: http://cem.revues.org/index6602.html

3 GUERRAS MARTIN, M. S. op. cit, p. 14.

4 Sobre o tema ver, além do texto de Sonsoles Guerras, CAPES. "Segundo Plano Nacional de Pós-Graduação — 1982–1985". In: *Infocapes. Boletim Informativo*, Brasília (DF), 1998, v. 6, n. 2, pp. 20-27 e FERREIRA, M. de M., MOREIRA, R. da L. (Org.). *Capes, 50 anos em depoimentos*. Brasília, DF, CAPES, 2002, em particular as páginas 111 a 117 e 295 a 311.

5 Como Fátima Regina Fernandes e Renan Frighetto, que atualmente atuam na UFPR, e Regina Bustamante, da UFRJ.

(PIBIC); a expansão do número de Programas de Pós-graduação em História, oficialmente reconhecidos pelo Ministério da Educação, com linhas de pesquisa que abarcam diferentes temas medievais; o fortalecimento das fundações de amparo à pesquisa dos estados da federação e a maior oferta de editais públicos, especificamente na área das Ciências Humanas, para o desenvolvimento de pesquisas e publicações de livros e periódicos. Ou seja, após um breve período em que foi alvo de uma política especial e diretiva, os estudos de história medieval no Brasil deixaram de ser vistos como área prioritária e sofreram, como outros campos do saber, os impactos das políticas públicas gerais para o ensino superior e a pesquisa.

O crescimento do número de estudiosos que passaram a se dedicar ao período em questão foi considerável. Segundo dados reunidos sob a coordenação do Prof. José Rivair Macedo[6] e a base de dados Lattes,[7] foram elaboradas e aprovadas, em programas de pós-gradução em história do país, cerca de 165 dissertações de mestrado, 59 teses de doutorado e 3 teses de livre docência no período de 1990 a maio de 2010,[8] o que representou, face aos 6 doutoramentos da década de 1980, um grande salto numérico.[9]

Examinando estes dados, é possível verificar que, em muitos casos, houve uma continuidade na especialização na área de Idade Média, já que muitos dos que obtiveram o grau de mestre, posteriormente alcançaram o de doutor. Deste grupo, um número expressivo ingressou, mediante concurso público, como docentes em universidades públicas, os principais centros de ensino e pesquisa em nosso país.[10] Neste sentido, diferentemente do que ocorria no período anterior, há que destacar que, em muitas instituições de ensino superior do país, professores especialistas, em sua maioria já doutores e que efetivamente obtiveram a sua formação acadêmica desenvolvendo investigações na área, encontram-se atuando como docentes e pesquisadores de temas medievais.

Devido ao crescimento do número de pesquisadores que se dedicavam ao estudo do medievo, abriu-se espaço, como já anunciava Sonsoles Guerras no início da década de 90, para publicações sobre história da Idade Média em periódicos nacionais, como a *Revista de História da USP*,[11] a *Revista Brasileira de História*[12] e a *Revista História* da Unesp,[13] para citar alguns

6 MACEDO, J. R. (Org.). *Os Estudos Medievais no Brasil. Catálogo de dissertações e teses: Filosofia, História, Letras (1990-2002)*. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2003. p. 8.

7 Acessível pelo site http://lattes.cnpq.br/.

8 Há que ressaltar que muitos medievalistas brasileiros obtiveram o grau de doutor no exterior. Para só citar alguns exemplos: Prof.ª Dr.ª Maria Cristina Correia Leandro Pereira (USP), Prof. Dr. Marcelo Candido da Silva (USP) e Prof.ª Dr.ª Maria Filomena da Costa Coelho (UNB).

9 Não encontramos na base Lattes registros de mestrados obtidos na década de 80 com trabalhos versando sobre temas de História medieval.

10 Todos estes dados estão disponíveis na citada Plataforma Lattes.

11 Disponível a partir do portal www.revistasusp.sibi.usp.br/

12 http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=0102-0188&lng=en&nrm=iso

13 http://www.scielo.br/revistas/his/paboutj.htm

exemplos. Este dado representou um reconhecimento, por parte da comunidade historiográfica brasileira, de que a história medieval se constituía, de fato, como uma área de pesquisa no país.

Conjuntamente com a expansão da pesquisa, houve uma consolidação do ensino de história medieval. Em diversas universidades, que até então mantinham as áreas de história antiga e medieval organizadas conjuntamente, estas foram separadas. Assim, surgiram os setores de história medieval, que, em diversos casos, reuniram docentes que também realizavam investigações sobre o medievo, o que propiciou maior conexão entre ensino e pesquisa, a criação de disciplinas específicas e o crescimento da demanda por livros, sobretudo para uso na graduação.

Desta forma, multiplicaram-se as publicações em português,[14] tanto da autoria de pesquisadores nacionais quanto estrangeiros, que abordam aspectos diversos do medievo, incluindo as edições críticas de fontes.[15] Um exemplo ilustrativo deste interesse por materiais específicos são as traduções de livros de autoria de Jacques Le Goff. Com exceção da coletânea dirigida em parceria com Pierre Nora, *Faire de l'histoire*, publicada no Brasil em meados dos anos 1970, as editoras brasileiras só iniciaram a tradução sistemática das obras deste medievalista a partir de fins da década de 1980. Em muitos casos, com um intervalo de mais de 40 anos entre a edição original e o lançamento em nosso país.[16] Este interesse só pode ser compreendido à luz da expansão de um grupo leitor de tais materiais.

Entretanto, as políticas públicas, a criação dos setores de história medieval e a maior qualificação dos medievalistas, que geraram um aumento da produção acadêmica qualificada e a demanda por obras específicas, não explicam totalmente a expansão dos estudos medievais no Brasil. Neste sentido, há que buscar outros fatores.

Um aspecto, de caráter mais geral e que afetou diversos setores da sociedade brasileira, também pode ser lembrado para explicar, ainda que parcialmente, o incremento do medievalismo: a popularização da *internet*, mormente a partir de fins da década de 1990.[17] Este fato possibilitou,

---

14 Neste campo, os auxílios à publicação concedidos pelas agências de fomento e as editoras universitárias ocuparam um papel fundamental.

15 Destacamos, como exemplos, alguns títulos lançados por editoras nacionais nos últimos dois anos: HUIZINGA, Johan. *O Outono da Idade Média*. São Paulo, Cosac & Naify, 2010; LE GOFF, Jacques. *Heróis e Maravilhas da Idade Média*. Petrópolis, Vozes, 2010; BARTHÉLEMY, Dominique. *A Cavalaria*. Da Germânia antiga à França do século XII. Campinas, LEME/Editora da UNICAMP, 2010; FRANCO Jr., Hilário. *Os três dedos de Adão*. São Paulo, Edusp, 2010; ZUMTHOR, Paul. *Falando de Idade Média*. São Paulo, Perspectiva, 2009; ALMEIDA, Cybelle Crossetti, PEREIRA, Nilton Mullet, TEIXEIRA, Igor Salomão (Org.). *Reflexões sobre o medievo*. Porto Alegre, Oikps- Anpuhrs, 2009; ZENER, Monique (Org.). *Inventar a heresia?* Campinas: UNICAMP, 2009; SILVA, Leila Rodrigues et alli. *Idade Média: abordagens interdisciplinares*. Rio de Janeiro, Pem, 2009.

16 Sobre a questão ver SILVA, A. C. L. F. da e SILVA, L. R. da. "Jacques Le Goff". In: LOPES, Marcos Antônio, MUNHOZ, Sidnei J. (org.). *Historiadores de nosso tempo*. São Paulo, Alameda Editorial, 2010, pp. 135-152.

17 Segundo uma pesquisa do IBOPE Nielsen Online, o número de internautas no Brasil acima de 16 anos chegou a 73,7 milhões no segundo trimestre de 2011. Informações disponíveis no site

sobretudo, a troca de informações, de forma mais rápida e informal, entre especialistas das diversas áreas do conhecimento e estabelecidos em diferentes países e permitiu o acesso a documentos medievais e obras que não se encontram disponíveis em bibliotecas brasileiras.[18]

Sobre o segundo, há que sublinhar que grande parte do material disponível *on line*, sobretudo por meio do Portal de Periódicos Capes,[19] provém de centros de pesquisa e universidades inglesas e americanas. Este apresenta temáticas, referenciais teórico-metodológicos e técnicas de pesquisa que têm influenciado as reflexões brasileiras sobre o medievo, até então muito dependente das matrizes historiográficas francesas, em especial as propostas pela Escola dos Annales.[20] Exemplo deste impacto é a introdução, a partir de 1995, dos Estudos de Gênero calcados nas propostas teóricas da historiadora norte-americana Joan Scott.[21]

Outro fator que pode explicar a expansão do medievalismo brasileiro é a fundação, em 1996, da Abrem, *Associação Brasileira de Estudos Medievais*, que reúne hoje mais de 500 sócios nacionais e estrangeiros, das mais diversas áreas do conhecimento: literatura, lingüística, filosofia, direito, artes, música, história, etc.[22] A associação não está vinculada a nenhuma instituição, é mantida financeiramente pelos sócios, não possui uma sede fixa e é gerida por uma diretoria eleita a cada dois anos.

A Abrem promove, bi-anualmente, os Encontros Internacionais de Estudos Medievais (EIEM),[23] que são organizados em parceria com as universidades que sediam o evento. Desde a sua fundação já foram organizados 9 encontros, em diversas cidades brasileiras (São Paulo, Porto Alegre, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Salvador, Londrina, Fortaleza, Vitória e Cuiabá). Eventualmente, a Abrem coordena projetos coletivos, como o levantamento das fontes medievais escritas e impressas presentes em bibliotecas do país[24] e das dissertações e teses defendidas no

---

http://www.abert.org.br/site/index.php?/clipping/clipping-2011/numero-de-internautas-no-brasil-cresce-18-aponta-estudo.html.

18 Outro elemento vinculado à popularização da *internet* no Brasil, que discutiremos em outro ponto do trabalho, é o da divulgação, para o grande público, de aspectos relacionados à cultura medieval e de resultados de pesquisa.

19 Cf www.periodicos.capes.gov.br.

20 Sobre este tema ver SILVA, A. C. L. F. da e SILVA, L. R. da. "Os Estudos Medievais no Brasil e a *Internet*: uma análise do uso dos recursos virtuais na produção medievalista (1995 a 2006)". In: *História Imagens e Narrativas*, Rio de Janeiro, abril/2007, ano 2, n.4. Disponível em http://www.historiaimagem.com.br/edicao4abril2007/medievinternet.pdf

21 Sobre esta questão ver SILVA, A. C. L. F. da. "Reflexões sobre o uso da categoria gênero nos estudos de História Medieval no Brasil (1990-2003)". In: *Caderno Espaço Feminino*, Uberlândia, 2004, v. 11, n. 14, pp. 87-107.

22 Segundo dados reunidos e apresentados pela então tesoureira, Carolina Coelho Fortes, apresentados na assembléia geral da Associação Brasileira de Estudos Medievais (Abrem) durante o VIII Encontro Internacional de Estudos Medievais, cerca de 514 pessoas já se associaram a Abrem.

23 Os trabalhos apresentados durante os EIEM são avaliados e selecionados por uma comissão editorial visando a posterior publicação nas atas do evento.

24 MONGELLI, Lênia Márcia (Org.). *Fontes Primárias da Idade Média. Séculos V-XV*. ABREM Associação Brasileira de Estudos Medievais. São Paulo, Íbis, 1999. 2 v.

Brasil entre 1990-2002, que resultaram em publicações.[25] Através de sua diretoria, são estabelecidos intercâmbios com associações internacionais, também dedicadas aos temas medievais, e os eventos realizados por núcleos locais em todo o país são estimulados e apoiados.

A Associação é responsável por um site;[26] pela manutenção de uma lista de discussão acadêmica, a *abremnews*; pela publicação de um boletim semestral, o *Jornal da Abrem*, que informa sobre o que é desenvolvido na área dos estudos medievais no Brasil e no exterior, e, desde 1999, da revista anual *Signum*, o primeiro periódico nacional a dedicar-se exclusivamente ao medievalismo. Este periódico, após um ciclo de 10 anos, passou por uma reformulação e desde 2010 é publicado *on line*.[27]

A Abrem contribuiu de forma decisiva para a expansão dos estudos medievais no país ao estimular o ensino e a pesquisa de temas medievais; ao agregar pesquisadores em torno de projetos comuns, como no levantamento das edições de fontes medievais presentes nas bibliotecas de cidades brasileiras; ao criar, ou ampliar, espaços para o intercâmbio acadêmico e o diálogo interdisciplinar, e ao proporcionar a divulgação das pesquisas realizadas no Brasil para os pesquisadores estrangeiros e para o público não especialista.

Finalizando, gostaria de me ater no fator que considero imprescindível para a expansão do medievalismo no Brasil: a organização de centros locais e/ou regionais de ensino, pesquisa e extensão vinculados às universidades brasileiras, já que possibilitaram o desenvolvimento sistemático de pesquisa, bem como de outras atividades acadêmicas. Eles começaram a surgir em fins da década de 1980, mas se multiplicaram nos últimos 10 anos, na medida em que os especialistas foram assumindo os postos de docência nas universidades. Atualmente, eles podem ser encontrados em praticamente todas as regiões do país, ainda que situados nos principais centros urbanos, com grande concentração nas regiões sudeste e sul, e vinculados às universidades públicas, sobretudo federais, com exceção dos poucos núcleos das universidades confessionais, em particular as católicas. Muitos possuem caráter interdisciplinar, agregando especialistas de diversas áreas. Como não é possível apresentar e descrever cada um destes núcleos, vou me focalizar na trajetória do Programa de Estudos Medievais da UFRJ, ao qual estou vinculada desde sua fundação. Mesmo com suas especificidades, ele pode exemplificar este fenômeno que se desenvolveu em várias regiões do país.

---

25 MACEDO, J. R. (Org.). *Os estudos Medievais no Brasil*..., op. cit.
26 Cf. *www.abrem.org.br/.*
27 Disponível a partir de http://www.revistasignum.com/signum/index.php/revistasignumn11/issue/archive

O Programa de Estudos Medievais: histórico e estratégias institucionais

O Programa de Estudos Medievais (Pem) é um grupo de pesquisa, criado em 1991, pela iniciativa das professoras doutoras Maria Sonsoles Guerras Martin, historiadora, e Maria Elisabeth Graça de Vasconcelos, especialista em literatura medieval. A criação do Pem vincula-se a um movimento maior, então estimulado pelo Centro de Filosofia e Ciências Humanas e Sociais da UFRJ, que objetivava a organização e registro oficial dos grupos "estruturados em torno de pesquisadores que se dedicam em conjunto a temas no interior de uma disciplina ou de caráter interdisciplinar".[28]

Como outros grupos de pesquisa da UFRJ, o Pem não possui autonomia administrativa, e está vinculado ao Instituto de História. E, desde sua criação, conta com a participação de pesquisadores em formação, alunos de graduação e pós-graduação, e professores doutores.

Conforme o resumo publicado no catálogo *Grupos de Pesquisa em Ciências Humanas* em 1993, o Pem foi "resultado da fusão de vários projetos de pesquisa desenvolvidos há alguns anos em diversos setores da UFRJ".[29] Neste momento, sua principal linha de pesquisa era *Classicismo, Germanismo e Cristianismo na Idade Média*, justificada pelo fato de oferecer "um campo de investigação de atualidade no momento em que as nações européias procuram novas redefinições de sua política".[30] As atividades então desenvolvidas pelo grupo, que reunia, além dos alunos e das professoras fundadoras, uma especialista em latim da UFF, Lívia Paes Barreto, privilegiavam a pesquisa, oferta de cursos e publicações.

Participando deste grupo, realizando o doutorado e atuando já como docentes, encontravam-se a professora Leila Rodrigues da Silva[31] e eu.[32] Neste período, desenvolvíamos pesquisas que foram fundamentais para a reestruturação, posteriormente, das linhas de pesquisa do Pem.

Leila dedicou-se a estudar a obra do bispo Martinho de Braga.[33] Seu foco foi a "interação entre os campos político e religioso", partindo do pressuposto de que,

> no reino suevo, a aliança constituída entre autoridades eclesiásticas e políticas beneficiou amplamente as duas instituições, Monarquia e Igreja. No que concerne à Monarquia, a referida aproximação importava, sobretudo, por potencialmente

28 PAIVA, J. H. V. de. "Apresentação". In: MOREIRA, A. C. (Coord.) *Grupos de Pesquisa em Ciências Humanas*. Rio de Janeiro, CFCH-UFRJ, 1993. p. 8.

29 Idem, p. 63.

30 Idem.

31 A professora Leila ingressou no doutorado em 1993 e como docente de História Medieval na UFRJ, mediante concurso público, em 1994.

32 Ingressei como aluna do doutorado em 1992, ano que também fui aprovada em concurso público para ocupar uma vaga de docente em História Medieval na UFRJ.

33 SILVA, Leila Rodrigues. *Monarquia e Igreja na Galiza na segunda metade do século VI: o modelo de monarca nas obras de Martinho de Braga dedicadas ao rei suevo*. Rio de Janeiro, EdUFF, 2008.

> apresentar elementos favoráveis à consolidação política do reino. Entendia-se que a aceitação do cristianismo implicaria na aceitação e reconhecimento das autoridades políticas que conduziam o reino com o apoio dos clérigos. Desse modo, as autoridades religiosas passaram, pois, a desenvolver um trabalho de cristianização, a influenciar a formação intelectual dos seus membros, a aconselhar e, consequentemente, a impor e a destacar a importância dos valores e princípios cristãos de maneira progressiva. Portanto, a relação entre Monarquia e Igreja no reino suevo, a partir de meados do século VI, garantiu um ambiente no qual se apresentou à Igreja a possibilidade de se reorganizar e fortalecer e à monarquia, de dispor de argumentos de ordem ideológica ao reforço da sua legitimidade.[34]

Minha pesquisa analisou duas vidas de santos compostas pelo clérigo castelhano Gonzalo de Berceo, a *Vida de San Millán de la Cogolla* e a *Vida de Santo Domingo de Silos*. A partir da análise destes relatos hagiográficos, procurei demonstrar que apesar dos lugares comuns, já que todos se inspiravam no mesmo modelo, Cristo, e na Bíblia, cada texto possui um objetivo particular, relacionado ao seu contexto de produção e às relações de poder então estabelecidas. Parti do pressuposto que não é possível tratar esses materiais meramente classificando-os como textos devocionais ou que visavam transmitir unicamente os interesses e valores eclesiásticos, pois, no medievo, existiam múltiplas visões em constante diálogo/conflito, inclusive no seio da própria Igreja. Concluí que as vidas berceanas buscavam, sobretudo, engrandecer a atividade monástica tradicional frente aos movimentos religiosos surgidos a partir do século XII, em especial os cônegos regulares e os mendicantes. Contudo, como Gonzalo era um secular e obteve sua formação em um centro urbano, ele acabou por construir representações da organização social, do tempo e do espaço que se afastam da perspectiva monástica beneditina.[35]

Com a aposentadoria das fundadoras do Pem e a conclusão do nosso doutoramento, Leila e eu assumimos, em parceria, a coordenação a partir do ano de 1998. Para consolidar e dar visibilidade ao grupo, foram implementadas diferentes estratégias, que passo a apresentar. É imprescindível realçar que tais estratégias não seguiram a um cronograma pré-estabelecido e foram desenvolvidas em função das diferentes demandas e da própria consolidação do grupo.

Em primeiro lugar, foram reformulados e ampliados os objetivos do Pem. Assim, passamos a priorizar: o intercâmbio do grupo com medievalistas nacionais e estrangeiros; a formação de novos pesquisadores; a promoção de discussões acadêmicas relativas ao mundo medieval; a identificação, preservação e divulgação de acervos de materiais relativos à Idade Média localizados na cidade do Rio de Janeiro ou no espaço virtual; a produção de material didático, e a organização

---

[34] Trecho de uma entrevista concedida por ocasião da publicação da tese, disponível em www.editora.uff.br/entrevistas/16-viagem-a-idade-media-dos-santos-ao-bispo-martinho-de-braga.html.

[35] Esta tese não foi publicada em sua versão original. Ela foi a base de um estudo em que ampliei as reflexões sobre a hagiografia ibérica medieval, comparando as obras berceanas ao *Liber Sancti Jacobi*. Cf. *Reflexões sobre a hagiografia ibérica medieval: um estudo comparado do Liber Sancti Jacobi e das vidas de santos de Gonzalo de Berceo*. Rio de Janeiro, EdUFF, 2008.

de atividades de extensão universitária, levando, à comunidade em geral, informações sobre a Idade Média. Em consonância com tais objetivos, foram propostos novos temas de pesquisa, que privilegiassem diferentes aspectos da sociedade medieval, como a religião, a religiosidade, os discursos normativos, as relações de poder, etc.

Construímos, então, redes de colaboração com pesquisadores vinculados a outras universidades brasileiras e do exterior. Esta colaboração tem se efetivado na troca de material bibliográfico; em convites para a participação em bancas de qualificação e defesa nos níveis de mestrado e doutorado; na organização de eventos conjuntos; na disponibilidade para realizar conferências e/ou cursos de curta duração promovidos pelo Pem; na elaboração de textos em parceria, etc. Esta estratégia foi colocada em execução em 1998 e, a cada ano, novos pesquisadores são associados ao grupo. Em 2009, criamos a categoria de pesquisadores colaboradores para incorporar os egressos do Pem - recém doutores, doutorandos ou mestres-, que já atuam no ensino superior.

Investimos na criação de um sitio na *internet* (www.pem.ifcs.ufrj.br), que foi lançado em 1999, durante o III Encontro Internacional de Estudos Medievais. A página é constantemente atualizada e além de uma apresentação do grupo, disponibiliza informações sobre as pesquisas desenvolvidas; os pesquisadores associados, colaboradores e alunos vinculados; dados sobre os trabalhos de fim de curso em nível de bacharelado, mestrado e doutorado elaborados no âmbito do Pem; eventos que serão realizados e uma memória de todas as atividades que foram promovidas desde 1993. Além disso, disponibiliza gratuitamente os livros publicados pelo Pem e textos cedidos por pesquisadores.

Ainda explorando as potencialidades do mundo virtual, inauguramos no ano de 2000 a lista de discussão acadêmica do Pem, para tratar exclusivamente de temas relacionados ao ensino e à pesquisa sobre a Idade Média. Esta lista foi a primeira do gênero criada no país e congrega, hoje, cerca de 400 pessoas, entre especialistas, alunos e interessados em geral, do Brasil ou exterior.

Outra estratégia adotada foi priorizar a formação de novos pesquisadores, por meio do estímulo à pesquisa discente. Neste sentido, são realizadas reuniões periódicas, chamadas de "aulas de laboratório", com os alunos em diferentes níveis (graduandos, mestrandos e doutorandos), nas quais são lidos e discutidos textos teórico-metodológicos e sobre as temáticas de pesquisa do Pem. Nesta atividade os alunos apresentam suas conclusões de pesquisa, que são analisadas e criticadas pelos colegas e orientadores. Os estudantes também são motivados a completar a sua formação acadêmica, ingressando no mestrado e/ou doutorado.

Também investimos nas atividades de extensão acadêmica. Reconhecendo a extensão como um processo que se articula ao ensino e à pesquisa, criamos e registramos junto à UFRJ, em 2005, o

projeto *Idade Média: divulgação científica.* Nele estão compreendidos dois grandes eixos em permanente diálogo: um que se volta para a universidade e outro direcionado à sociedade. Buscamos, assim, concomitantemente, a formação de pesquisadores comprometidos com a realidade brasileira e a promoção de atividades que favoreçam a reflexão acerca desta realidade, em particular na sua conexão com o passado. Para tanto, promovemos e oferecemos gratuitamente aos interessados cursos, ciclos de debates e palestras, buscando apresentar e socializar o conhecimento produzido na academia de forma criativa, crítica e com a interação dos participantes.

Tal projeto, por envolver diretamente os alunos em formação e egressos como palestrantes e organizadores de eventos, contribui para a formação de professores-pesquisadores e cria espaços onde eles possam divulgar suas primeiras reflexões sobre temas medievais. Tais atividades também são oportunidades de intercâmbio com diferentes instituições de ensino, em particular as que oferecem o ensino fundamental e médio. Por fim, elas auxiliam na desconstrução das visões preconceituosas sobre o medievo, ainda hegemônicas em nossa sociedade, discutindo os porquês das leituras e formulações atuais sobre o medievo pela sociedade contemporânea e tornando acessível o rico e diversificado patrimônio cultural medieval.[36]

Como o Pem não recebe verbas da UFRJ, uma frente que tem sido fundamental é a elaboração de propostas visando concorrer a editais diversos promovidos pelos órgãos de fomento estaduais e nacionais para financiamento das atividades de pesquisa, ensino e extensão. Desta forma, anualmente, são elaborados projetos para concorrer aos editais, visando o financiamento das investigações por meio de bolsas, auxílios para realização ou participação em eventos, verbas para a compra de equipamentos, mobiliário, livros, materiais de consumo, etc.[37]

Outra preocupação refere-se ao investimento em publicações. Neste sentido, o Pem foi registrado como editora e desde então temos lançado coletâneas de textos e traduções de fontes medievais para uso no ensino de história medieval. Além disso, valorizamos a participação em eventos acadêmicos e a publicação dos resultados das pesquisas em periódicos científicos, em publicações coletivas organizadas pelo Pem,[38] e em outros veículos de divulgação (entrevistas, capítulos de livros, livros, etc.), escritos tanto individualmente quanto em parceria. Para tanto, uma

[36] No último ano, a UFRJ, através do Programa de Extensão, concedeu ao Pem 3 cotas de bolsas para alunos de graduação para atuarem diretamente neste projeto.

[37] O recebimento de tais recursos tem como contrapartida a preparação de relatórios técnicos e financeiros para a prestação de contas. Como o Pem não conta com funcionários administrativos, estas tarefas são realizadas diretamente pelas coordenadoras.

[38] Um exemplo deste tipo de estratégia foi a publicação da coletânea SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. (Org.). *Hagiografia & História: reflexões sobre a Igreja e o fenômeno da santidade na Idade Média Central*. Rio de Janeiro, HP Comunicações, 2008. Os 18 textos que compõem a coletânea foram produzidos por pesquisadores com diversos níveis de formação, desde graduandos a doutores. Tratam-se de conclusões, em muitos casos parciais, de pesquisas com recortes específicos relacionados aos eixos temáticos do projeto coletivo *Hagiografia e História: um estudo comparativo da santidade*, visando a redação de trabalhos de conclusão, como monografias e dissertações, ou como atividade de pesquisa relacionada à docência superior.

listagem contendo chamadas de publicação e informações sobre inscrições em eventos que serão realizados é atualizada e divulgada todos os meses entre o grupo.[39]

Uma estratégia, iniciada em 2006, que tem sido fundamental para propiciar o diálogo acadêmico com outros centros de saber, é a organização de Simpósios Temáticos (ST) nas reuniões regionais e nacionais da Anpuh e nos Seminários Internacionais Fazendo Gênero. O formato de grupo de trabalho dos STs permite discutir as comunicações apresentadas e traçar reflexões mais gerais sobre os caminhos da pesquisa sobre o medievo no Brasil.

Também procuramos construir uma memória do Pem, fazendo o registro das atividades de ensino, pesquisa e extensão e dos produtos e saberes gerados, por meio da guarda de documentos escritos e imagens. Neste sentido, mantemos um arquivo com fotos, documentos de natureza diversa ligados aos eventos (cartazes, folders, cadernos de resumo, etc), monografias, dissertações, artigos e livros que foram elaboradas no âmbito do grupo.

Estes materiais, bem como outros que foram doados ou comprados com os auxílios recebidos pelas instituições de fomento à pesquisa, configuram o acervo da biblioteca do Pem, que é aberta para a consulta não só dos vinculados ao grupo, mas para todos os interessados no medievo. No momento, o acervo da biblioteca reúne cerca de 4000 títulos, em suporte impresso ou digital. Estão disponíveis para consulta fontes medievais, obras de referências (atlas e dicionários diversos), livros sobre teoria e metodologia da história, manuais de história medieval, livros sobre temas específicos, periódicos e textos avulsos.

Por fim, como última e principal estratégia, destaco a organização de projetos de pesquisa coletivos, que funcionam, na prática, como linhas de pesquisa. A estes projetos principais estão articulados vários subprojetos, individuais ou de pequenos grupos, desenvolvidos pelos docentes e alunos, muitas vezes com a participação de egressos. As temáticas propostas, como já anunciado, derivaram das pesquisas iniciadas durante o doutorado.

A península Ibérica Medieval nas pesquisas desenvolvidas no Pem

No momento, três grandes projetos de pesquisa coletivos são desenvolvidos no âmbito do Pem. Passo a apresentá-los. Estes projetos encontram-se registrados junto a UFRJ, na base de dados Sigma,[40] e no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq[41] e são financiados pelo CNPq, Faperj e pela UFRJ.

[39] Vale destacar que além da lista geral de discussão, já apresentada, o Pem mantém outra só para os alunos vinculados ao grupo.
[40] http://www.sigma.ufrj.br/
[41] *www.cnpq.br/gpesq/apresentacao.htm.*

O projeto *O processo de organização eclesiástica e a normatização da sociedade nos reinos suevo e visigodo: perspectivas analítica e comparativa*, elaborado e coordenado pela professora Leila Rodrigues da Silva, analisa os escritos eclesiásticos produzidos no âmbito da Península Ibérica em torno dos séculos VI e VII, com o foco em dois eixos: a produção intelectual clerical e a organização e consolidação das Igrejas sueva e visigoda; o discurso eclesiástico na normalização da sociedade peninsular. Relacionados aos dois eixos anteriormente mencionados, são objetivos gerais da pesquisa: avaliar a importância dos escritos eclesiásticos no movimento de organização e consolidação das Igrejas sueva e visigoda e no processo de legitimação política e disciplina dos monarcas e dos segmentos nobiliárquicos; comparar os distintos padrões de comportamento moral presentes nos discursos eclesiásticos, com destaque para o papel conferido ao corpo, e verificar em que medida a construção de padrões de comportamento moral favorece a delimitação de esferas marginais e excluídas da sociedade.

O segundo projeto, por mim elaborado e coordenado, é o *Hagiografia e História: um estudo comparativo da santidade*. O objetivo principal é estudar os textos hagiográficos e a trajetória de homens e mulheres considerados dignos de veneração nas penínsulas ibérica e itálica nos séculos XI ao XIII, articulando-os às transformações operadas no período no tocante ao crescimento da espiritualidade leiga; à organização da Igreja sob a liderança do Papado; à coexistência e aos conflitos entre as crenças e práticas da religiosidade e as oficiais impostas por Roma; à expansão da espiritualidade feminina e às questões de gênero presentes no período; o surgimento de novos centros intelectuais urbanos. A meta é traçar reflexões de conjunto sobre a hagiografia e o perfil dos considerados santos nas penínsulas Ibérica e Itálica nos séculos XI ao XIII, primeiro separadamente e depois comparando-os, bem como contrapor tais perspectivas de conjunto a casos particulares.

A fim de articular as duas pesquisas, desde 2008 coordenamos em parceria o projeto *Hagiografia, sociedade e poder: um estudo comparado da produção visigótica e castelhana medieval,* que estuda, em perspectiva comparada, hagiografias elaboradas no reino visigodo e no Reino de Castela. Objetivamos analisar dois aspectos principais: os elementos textuais que permitem avaliar as eventuais continuidades e rupturas no fazer hagiográfico, e as relações de poder evidenciadas nas referidas obras.

Vinculados direta ou indiretamente a tais projetos coletivos,[42] de 1998 ao primeiro semestre de 2011, foram orientadas, concluídas e aprovadas 77 monografias de bacharelado e 21 dissertações. Encontram-se em fase de elaboração 25 trabalhos finais em nível de graduação, 7 de

[42] A sistemática dos projetos coletivos foi implantada em 1998, mas outros projetos, mantendo pontos de contato com os atuais, eram então desenvolvidos.

mestrado e 7 de doutorado. Destes, 78 abordaram ou abordam temáticas relacionadas à península ibérica medieval; ou seja, cerca de 57% das pesquisas.[43]

Vale destacar que os projetos individuais de pesquisa das coordenadoras do Pem também privilegiam a Ibéria medieval. No momento, Leila Rodrigues desenvolve o projeto *Aspectos das relações de poder na Vita Sancti Aemiliani, na Vita Sancti Fructuosi e na autobiografia de Valério del Bierzo: cristianização e reorganização eclesiástica no reino visigodo do século VII*. A referida pesquisa dialoga diretamente com o projeto coletivo, anteriormente identificado, na medida em que nela se busca analisar aspectos relacionados à cristianização e à reestruturação das instituições eclesiásticas na Península Hispânica, no século VII, com o foco em textos hagiográficos. Assim, tendo como referência fundamental o estudo comparado de três hagiografias produzidas no âmbito do reino visigodo, *Vita Sancti Aemiliani, Vita Sancti Fructuosi* e a *autobiografia* de Valério del Bierzo, com ênfase nas relações de poder, são observadas as estratégias de reorganização e fortalecimento da Igreja local.

Eu desenvolvo atualmente a pesquisa intitulada *Monacato, poder e gênero: reflexões sobre o cenóbio de San Millán de la Cogolla em perspectiva diacrônica (1076-1109/ 1227-1265)*, que visa comparar e discutir como se constituíram e operaram as construções de gênero nas diversas relações sociais e de poder estabelecidas pela comunidade monástica de San Millán de la Cogolla. Para tanto, analiso e confronto textos hagiográficos, normativos e notariais. Os períodos a serem estudados baseiam-se nas conclusões já consolidadas na historiografia. O primeiro, de 1076 a 1109, segundo os especialistas, caracteriza-se pelo grande crescimento do mosteiro emilianense; pela disputa, por pamploneses e castelhanoleoneses, para a ocupação do espaço riojano; pelas primeiras tentativas de introdução de reordenamento eclesiástico, tanto por iniciativa dos reis hispanos quanto pelo papado. O segundo, de 1227 a 1265, para os estudiosos, marca o início da desagregação do cenóbio, em contrapartida, é o da consolidação da presença castelhana em La Rioja e do fortalecimento do poder episcopal em Calahorra, seguindo as diretrizes romanas.[44]

---

43 Muitas monografias versam sobre Livro Didático de História, tema vinculado ao projeto coletivo *A Idade Média nos livros didáticos e paradidáticos de História: análise de conteúdo*, que coordeno e desenvolvo junto a Graduação. Vale destacar, também, que como o projeto *Hagiografia e História: um estudo comparado da santidade* também estuda a Península Itálica, muitos trabalhos são desenvolvidos tratando de questões relacionadas a este espaço.

44 Sobre a história de San Millán de La Cogolla ver GARCÍA DE CORTÁZAR, José Angel. *El dominio del monasterio de San Millán de la Cogolla (siglos X al XIII). Introducción a la historia rural de Castilla altomedieval*. Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 1969; GARCÍA TURZA, Francisco Javier. "San Millán de la Cogolla en los umbrales de la crisis: 1200-1300". In: GIL-DÍEZ USANDIZAGA Ignacio (Coord.). Los monasterios de San Millán de la Cogolla. Jornadas de arte y patrimonio regional, 6, San Millán de la Cogolla, 6, 7 e 8 de novembro de 1998. *Actas*... Logroño, Instituto de Estudios Riojanos - Gobierno de La Rioja, 2000, pp. 27-46; GRANDE QUEJIGO, F. J. *Hagiografía y difusión em la Vida de San Millán de la Cogolla de Gonzalo de Berceo*. Logroño, Instituto de Estudios Riojanos, 2000; DUTTON, Brian (Ed.). *Gonzalo de Berceo. Obras completas*. 2. ed. Londres, Tamesis Books, 1984. 5 v., V. 1: La vida de San Millán de la Cogolla.

Ou seja, apesar de não exclusivo, os temas de pesquisa relacionados ao mundo hispânico medieval são a grande ênfase do Pem. A partir dos dados referentes aos projetos e subprojetos a eles vinculados, dos trabalhos de conclusão já finalizados e da produção bibliográfica dos últimos 12 anos, vou apresentar a seguir os elementos que caracterizam e particularizam o estudo da Península Ibérica Medieval pelos pesquisadores ligados diretamente ao Pem.[45]

No estudo do medievo ibérico, algumas temáticas têm sido privilegiadas. Destaco as mais freqüentes: a cristianização, a santidade, os milagres, os marginais e excluídos, as heresias, o corpo, a sexualidade, o casamento, o adultério, a mulher, a construção de identidades, os saberes de gênero, o diabo, a escatologia, o pecado, a morte, as doenças, a alimentação, etc. Todos estes temas têm sido abordados em conexão com as diferentes instituições ibéricas medievais, em particular as presentes e/ou que atuaram nos reinos germânicos da alta Idade Média ou nos hispanocristãos da Idade Média Central, tais como o monacato, o episcopado, a realeza e o papado.

Neste sentido, temos formulado como questões de pesquisa a relação entre a produção hagiográfica e o fortalecimento do poder episcopal e/ou monástico; o papel das leis relacionadas ao monacato, ao casamento e à herança para o fortalecimento do poder monárquico; a forma e o por quê das normas canônicas, da hagiografia e dos códigos legislativos reais construírem discursos sobre o corpo; a maneira como os textos hagiográficos serviram como instrumentos para a divulgação de normas canônicas para eclesiásticos e leigos, para só citar alguns exemplos.

Para o estudo destas temáticas, diversos tipos de documentos medievais têm sido analisados, tais como vidas de santos, textos litúrgicos, tratados de milagres, textos mariológicos, regras religiosas, sermões, cartas, testamentos, crônicas, atas conciliares, processos de canonização, bulas papais, bíblias romanceadas, documentos notariais e códigos de leis.

Pelo fato das pesquisas possuírem caráter coletivo, articulando diversas investigações com recortes temáticos, espaciais e temporais mais específicos, os trabalhos são realizados com múltiplos suportes teóricos, conceituais, metodológicos e técnicos. Contudo, algumas tendências são perceptíveis.

No estudo dos temas acima apresentados, reunindo os esforços de reflexão coletiva com os particulares, temos desenvolvido tanto abordagens qualitativas e particulares quanto seriais, pois a meta é, justamente, articular o macro ao micro. As séries são construídas para estabelecer as constâncias presentes nos fenômenos analisados e, ao serem confrontadas aos casos específicos, possibilitam que as peculiaridades e as diferenças sejam realçadas. Desta forma, combinando abordagens, é possível identificar o impacto das ações humanas particulares nos sistemas sociais

[45] Consideramos como pesquisadores diretamente ligados ao Pem as coordenadoras, as professoras Leila e eu, e nossos orientandos e ex-orientados que ainda participam dos projetos como egressos.

organizados, ao mesmo tempo em que sublinham os elementos que unem e particularizam os sujeitos históricos.

As pesquisas também têm sido desenvolvidas em diferentes campos da história, tais como a história social, a história cultural, a história política, e os estudos de gênero. E os temas são abordados em diversos domínios historiográficos, como a história das mulheres, das instituições, da leitura, dos marginais, das idéias, etc.

O elemento que mais singulariza os estudos sobre a península ibérica medieval no Pem é o fato de que os variados temas têm sido enfocados em uma perspectiva que prioriza a dinâmica das instituições por meio do estudo das construções discursivas, das relações de poder, da imposição das normas e das táticas dos mais fracos para burlá-las, dos conflitos, das resistências e das negociações. Neste sentido, não estamos preocupados em encontrar as "leis" que expliquem o funcionamento das instituições medievais, mas, por meio do estudo dos distintos fenômenos históricos priorizados, compreender seu impacto para os diferentes grupos que viveram na Hispania durante o medievo. Desta forma, busca-se romper com os esquemas explicativos generalizantes e dicotômicos e privilegiam-se as explicações múltiplas, o estudo de variantes, das contradições, das descontinuidades, e das apreensões e invenções criativas. Desenvolvemos, portanto, uma espécie de história cultural das instituições, já que, por um lado, estamos atentos aos costumes, aos discursos, às crenças, e, por outro, às relações de poder, à organização institucional, às tensões nas quais os sujeitos históricos se envolvem.

Como o Pem está vinculado ao Programa de Pós-graduação em História Comparada, nossas pesquisas têm procurado aplicar diferentes modalidades de comparativismo. Assim, empregamos desde a chamada comparação clássica, proposta por Bloch no início do século passado e que pressupõe o estudo de sociedades contemporâneas e próximas, até as desenvolvidas a partir da década de 1990, como a história cruzada, que prioriza o estudo das trocas mútuas entre sociedades, e a história da transferência, que se detêm na análise das transformações que ocorrem no momento da transmissão de conceitos, normas, imagens e representações de uma cultura para outra.

Além do estudo comparativo de sociedades, temos realizado, tal como aponta Kocka,[46] a comparação de fenômenos, tanto em perspectiva sincrônica quanto diacrônica. Para o autor alemão, a comparação histórica deve partir do pressuposto de que os fenômenos comparáveis possuem descontinuidades e não são mutuamente influenciados. Assim, devem ser estudados como casos particulares, sempre considerados independentes. Por meio da comparação verificam-se as similaridades e as diferenças entre os fenômenos: por um lado, quebram-se continuidades, cortam-

[46] KOCKA, J. "Comparison and beyond". In: *History and Theory*, Middletown, feb., 2003, n. 42, pp. 39-40, p. 41.

se emaranhamentos, e interrompe-se o fluxo da narração; contudo, por outro, constroem-se interdependências e constatam-se constâncias.[47]

Também temos aplicado as idéias de Paul Veyne. Segundo este autor, cabe aos historiadores, partindo de "constantes", fazer um inventário das diferenças que, a cada momento histórico e em cada grupo, as dotam de uma significação particular. Assim, há que verificar as múltiplas particularidades e variedades do que pareceria, de outro modo, invariante.[48]

A partir destas modalidades, temos elaborado formas específicas de comparativismo, inclusive dialogando com a literatura comparada. Deste modo, temos, por exemplo, verificado como os mesmos fenômenos foram compreendidos e registrados por grupos diferentes. É com este intuito que, por exemplo, confrontamos hagiografias com textos normativos eclesiásticos e reais contemporâneos. Ou ainda, temos comparado os aspectos formais da escrita hagiográfica visigoda do século VII com a castelhana do século XIII.

Os estudos sobre a península ibérica medieval em desenvolvimento no Pem apresentam como traços singulares, portanto, a constante preocupação em articular o macro ao micro; o enfoque no dinamismo das instituições e na sua articulação com as diferentes expressões culturais, e a ênfase na comparação. Esta particularidade, contudo, não é totalmente isenta de influências. Sublinha-se, em especial, as matrizes teóricas francesas que imperam na formação dos historiadores brasileiros, em especial por meio dos pesquisadores de diversas gerações da Escola dos Annales, como Duby, Le Goff, Certeau e Chartier; das reflexões de filósofos, como Foucault, e de sociólogos, como Bourdieu. Além disso, somos profundamente marcados pela historiografia ibérica, com a qual dialogamos constantemente.

Todos estes influxos, porém, foram apreendidos e adaptados em função das reais condições para a realização das pesquisas no dia a dia: a disponibilidade de fontes; o acesso ao material bibliográfico; as vinculações acadêmicas do Pem; a articulação com o ensino e a extensão; a formação de novos pesquisadores, e o diálogo com outros pesquisadores.

Considerações finais

A expansão dos estudos de história medieval no Brasil nos últimos 20 anos, como discutido, resulta da junção e interação de diversos fatores. Contudo, a despeito do crescimento recente, ainda há muito caminho a ser percorrido, pois o quadro atual ainda está longe de representar uma consolidação da área no país. A partir da minha experiência de pesquisa junto ao Pem, gostaria de apontar os principais desafios que se impõe aos estudos de história medieval no Brasil hoje.

47 Idem.
48 VEYNE, Paul. *O inventário das diferenças*. São Paulo, Brasiliense, 1983.

Como destacamos, nos últimos anos, em grande parte devido à popularização da *internet* e a publicação no Brasil de títulos sobre o medievo, o acesso a um conjunto de materiais, como atlas, documentos medievais impressos, artigos, livros clássicos, foi facilitado. Contudo, antigos problemas persistem. Nossa produção ainda é muito dependente das edições críticas de fontes e o acesso a documentos ainda não digitalizados ou publicados é muito difícil. Para os que pesquisam sobre a Idade Média ibérica o problema é maior, pois ainda há pouco material disponibilizado *on line*. Assim, resta a importação de obras, que não podem ser frequentes devido ao alto custo, e/ou viagens de pesquisa, que dependem de financiamento, e, no caso dos docentes, devem ser articuladas aos compromissos de ensino.

Outro problema que se apresenta aos que desejam se especializar no estudo do medievo ibérico é a necessidade do conhecimento de línguas diversas, sobretudo do latim e das línguas e dialetos hispanos medievais. Tais disciplinas não figuram nos currículos dos cursos de graduação e pós-graduação em história, restando aos interessados buscar cursos particulares ou aprendê-las como autodidatas.

Ainda em se tratando da formação de medievalistas, nossos cursos priorizam a reflexão teórica em detrimento da formação metodológica, ou seja, ensinar e treinar os alunos para a montagem de planos de pesquisa, para o trabalho em arquivo, para o levantamento de dados a partir da análise das fontes, etc. Assim, há que estimular a busca pelo equilíbrio entre a teoria e a prática empírica.

Se, nos últimos anos, incontestavelmente ampliaram-se os financiamentos, eles ainda não alcançam a todos. Muitos alunos cursam o mestrado e o doutorado sem bolsa, dividindo seu tempo de pesquisa com o dedicado ao trabalho. E diversos pedidos de auxílio para docentes, ainda que aprovados no mérito, muitas vezes não são concedidos devido à grande demanda.

A expansão do medievalismo brasileiro tem estimulado muitos jovens a optarem por especializar-se na área. Deste modo, cresce a cada ano o número daqueles que querem receber orientação e/ou ingressar nos cursos de mestrado e doutorado. Porém, não há vagas de orientação para todos,[49] daí a necessidade de constante contratação de novos professores-pesquisadores, o que não é feito com regularidade. Na UFRJ, por exemplo, o último concurso realizado para provimento de vaga docente de história medieval ocorreu em 1998.

Por fim, destaco a necessidade do constante diálogo com os professores de outros centros, sobretudo do exterior, objetivando a realização de trabalhos conjuntos. Nosso olhar necessita de outros olhares, que nos auxiliem a identificar pontos de fraqueza, bem como a reconhecer as nossas potencialidades.

[49] Lembramos que a Capes recomenda, para a área de História, que cada docente só oriente concomitantemente 8 alunos, entre mestrandos ou doutorandos.